

ano 1 . número 1 . setembro 2007 . porto alegre

www.corpoliquido.nafoto.net

Jornal

como

zé_vicente
cristiano_lenhardt
eduardo_xavier
alexandre_antunes
cris_ribas
manuela_eichner
romy_pocztaruk
bala_joice
jorge_soledar
cláudia_paim
luciano_montanha
rodrigo_balan_uriartt
ali_khodr
camila_mello

edição

O jornal COMO é uma iniciativa do coletivo mergulho (ali khodr, camila mello, jorge soledar e manuela eichner) que assume o desejo de criar um espaço para a circulação e vibração do pensamento de artistas brasileiros contemporâneos. Este espaço de reflexão, através do trânsito das propostas de cada artista, tem por objetivo constituir-se como meio de discussão . Queremos gerar uma rede de trocas de idéias num tempo próximo ao da sua concepção, que possibilite a veiculação do pensamento no tempo em que estamos vivendo.

Graças ao esforço conjunto dos artistas que acreditaram nesta iniciativa, estamos compartilhando a primeira edição do jornal COMO. Optamos por um editorial autônomo que conta com a colaboração livre dos participantes e que pretende ser tomado pela discussão e posicionamento crítico-lúdico-reflexivo periodicamente.

MERGULHO

**ASSIMCOMO
COMOOOCO
OCOMEOME**

**ECOMOOOCO
QUEMEOME
MECOMEVIVO**

**ASSIMILOAFOME
COMOQUEMCOME
ONOMEESOME**

Sentinela - Capítulo 2

A presença do homem



Os pregos transitavam pelas paredes, serviam de apoio para quadros, roupas, pequenos animais e objetos dourados de brilho moderado. Alguns não agüentavam o peso e rompiam o silêncio da sala branca, o som barulhoso rodopiava pela coluna localizada no meio do salão quase redondo de apenas duas grandes janelas. Uma vez por semana outros sons eram ouvidos às vezes pela manhã, às vezes na madrugada. Batidas de martelo ritmavam e apaziguavam-me com as paredes, elegiam como ameaça o sentido e descansavam as pancadas que eram sinais de novos moldes, novos desenhos.

O noticiário apontava como um tempo de mudança lenta. As revistas de fofoca não manifestavam interesse algum e os planos de conduta elaborados por moralistas, salvos em anonimato, eram só regozijo.

O branco era cal e os pregos traziam consigo uma grande carga simbólica que assegurava entendimento, obras na parede, era o que se via, espaços vazios, distância para o olho feita pelo corpo. Tudo no seu devido lugar.

Onde a mão não mais alcança é que os pontos devem se fixar. Para a minha testa salvo um grito e quanto mais eu encontrar que sobreponho panos para esquentar, em torno de mim a música leve indica o novo rumo das peças e o apoio delas passa pela minha boca antes deixando gosto ferroso, o som retumba como gomos de borracha em superfície líquida destramado incalculado.

As dúvidas são o caldo da ação como o substrato da rigidez que aniquila a possibilidade da vida.

O foco se apresenta e a imagem do palco aparece iluminada por inteiro, sem público nem atores, como uma grande escultura. Essa era a imagem que apresentava a idéia, era palco chão ação. Como se portar, como dizer as coisas, virar a vida pelo avesso, expectorar a fala, transpirar, transitar os bens, elogiar a economia, montar no lombo da abstração, ser pedra que faísca mundo e incendeia a rede alma.

Eu só derreto quando esqueço que sou matéria, antes mesmo eu me seguro no sol e finco os pés em quem me ouve.



Lygia Clark me contaminou

Hoje eu li Lygia Clark e estou repleto de volúpia. (não estou só, pelo menos não estou só nesta empreitada).

Lygia Clark me tornou um objeto mas mesmo assim eu devo, por exemplo, eu devo fazer alguma coisa para comer.

No momento chove. E isto é tudo o que eu posso dizer sobre o que está acontecendo no mundo.

Fui invadido.

Romperam-se as barreiras e mesmo assim eu vejo objetos cotidianos como livros e mesas de cabeceira. A chuva me invade assim como os objetos assim como o texto: me invade e me abre, completamente. Meu corpo se enche de um formigamento brando: é a sensação de contato com uma história que se liga a mim através de fios; ainda recentes, ainda frescos, um pouco poucos. É vértice.

Desta maneira, e talvez somente desta maneira (solidão de artista), o mundo me atinge. Eu recebi vida de um objeto, como de um raio: um objeto-livro, para precisar. E agora me sinto como o Rei da cidade. As conversas ao telefone parecem como que afogadas em distância. É como se não existisse nada sólido dentro do corpo e mesmo assim ele se sustentasse: dentro de mim é um açude, dentro de mim é fiapo d'água e escorredura que vai dar em algo a ser percorrido como grande como um oceano inteiro.

Fui contaminado.

Ontem não existiu.

Toco o mundo com a ponta dos dedos e o mundo responde com contrações sonoras. Eu fui contaminado pela sonoridade da palavra-coisa.

Estou estendido. Há uma ameaça no ar: de que tudo se destrua e imploda como os edifícios. Sim: há esta possibilidade.

Estou quase me tornando o vento, quase me tornando corpo horizontal. Há um porvir, isto é uma formação, mistura do orgânico com o inorgânico. Estou insuflado.

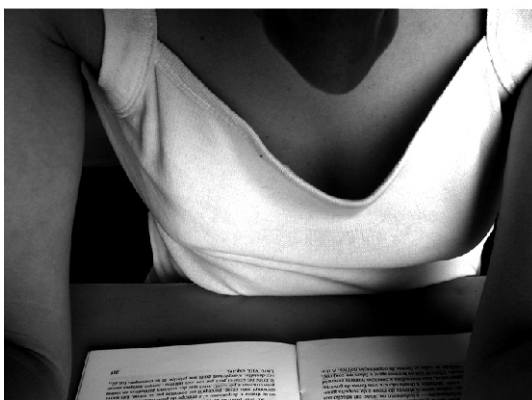
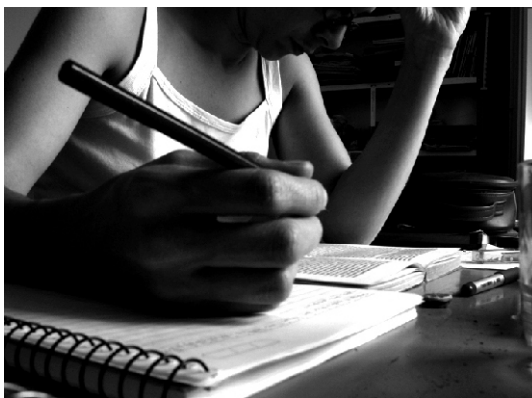
Preciso passar adiante este sêmen leitoso que me contaminou: estou absolutamente grávido: estou certo disso.

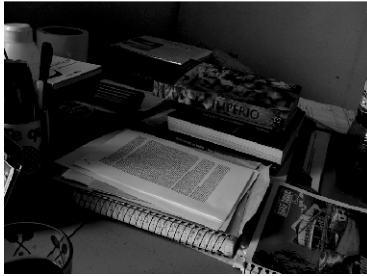
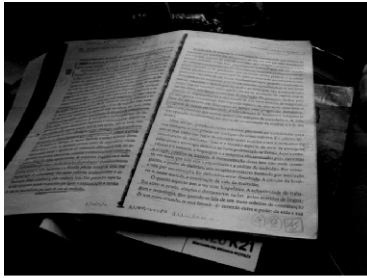
Estou e é tudo que há.

Ela está sentada na mesa. Vemos do outro sentido (sul-norte) sua frente um pouco tensa. Usa óculos de aros azuis meio embaçados pendidos sobre o nariz. Lentes de atravessamento, que refletem as letrinhas pequenas de uma de nós aberta diante da leitora. Acumulam-se seus músculos na porção entre as sobrancelhas. Entre uma inspiração e outra, o rangido do lápis roça a superfície minuciosamente irregular do papel. Ouvimos um novo ruído do grafite que risca as linhas e desenha círculos nas Palavras. Estamos empilhados numa topografia singular: aqueles menos usados ficam entre nós, os mais usados têm lápis entre esgarçando as amarrações das lombadas, têm anotações e marcadores. Os mais usados ficam em cima das pilhas e os bem menos folheados são massacrados pelo peso das folhas empilhadas dos demais.

Entre uma inspiração e outra ela folheia depois agrupa e desagrupa uns sobre os outros. Costura papéis. Mas demora a compreender a materialidade das escritas.

A fala dos livros





Os livros estão empilhados. As lombadas me olham, me desafiam. Estou sentada na mesa alta, à altura da janela. As páginas da Hannah são preto e branco. Coloquei a câmera diante de mim, e apinhando-a sobre os livros acionei tiradas automáticas para fotografar. Os livros me olham e desafiam a partir de sua corporeidade distinta. Não aprendo por vê-los nas suas formas externas. São detalhamentos, são pequenos índices de grandes mundos. Da espessura densa dos livros inteiros, vazam entre eles as cópias irregulares que compartimentam suas totalidades - fotocópias são pormenores. Há também impressos da internet. Artigos que chegaram ontem por e-mail. Outros manuscritos entre os cadernos. Manuscritos meus e resenhas infindas de outros textos. E textos revisados rascunhados sobre a mesma mesa.

detenho-me por temporalidades distintas com cada qualidade de texto. Refaço-os por aproximação ao que me parece familiar. Anoto o que é estranho e interessante colando os bilhetes de papel na parede ao lado. A latência expande a casa. Ao atravessar a rua acontecem atropelamentos de pensamento. Entre uma faixa branca e outra inscrevem-se palavras. Novos sentidos.

Percebo-me falando em palavras (outrora falara também em imagens). Já não sou cadáver, que quando fala, escreve. Já pensei muito sobre o conflito de tempos entre a escrita e o pensamento vivo. Nada resolvido, mas sem embater ou contrariar mantenho-me em posição ereta, diante da tela (nova materialidade), há sentidos pré-arquivados.

Os livros estão empilhados

Extraio toda imagem da materialidade própria aos livros, textos, manuscritos. Extraio toda imagem (foto?), quando há. Não há nada que se apreenda pela espessura das linhas, ou pela escuridão da tinta que fecha as letras. Retiro as letras, a sonoridade das palavras pronunciadas, à procura de uma outra coisa que seja sua base, seu concreto armado. Espécie de zoom.

Há uma certa latência necessária na relação com os escritos. Certa vez ao entrar em uma livraria - naquelas à moda antiga, que têm os livros até o teto de altíssimo pé direito - fui percebendo a presença dos autores. Fui percebendo as barbas, as falas, as línguas diferentes, os desafidores entre si, os acadêmicos atrás da mesa. Fim do déjà vu. A latência é uma soma de tempo e envolvimento. No atelier/escritório

Que é que me passam nessa tradição de escrita e leitura os produtores dessas palavras empilhadas? Se são conhecimentos, se são saberes, por que meio de (i)materialidade gravam-se em mim? Há aqueles que vêm e vão. Preocupo-me se não há de existir um tipo que fique. Alguma coisa que por espécie de acomodação e adequação encontre

¹Colectivo situaciones



Quando entro uma mulher me olha. Um tipo simples, gorda e de chinelos. Fazia um calor abismal e eu vestia jeans e uma camisa de listras azuis e vermelhas. O homem me pergunta sobre seu respectivo trabalho fotográfica. Digo que sim, quero um conjunto de fotos 3x4 para resolver burocracias da vida diária. Em menos de um minuto me vejo sentada em um banco pequeno de madeira com uma câmera Polaroid apontando para mim. Me olho no foco da câmera uma lente externa que lembra um olho de peixe. Ao disparar o flash levo um susto. Está pronto, diz ele. Ao arrancar os negativos da máquina, começa uma conversa entre o fotógrafo e a mulher que estava sentada. Ela quer fazer quadros de seus filhos. Pergunta ao fotógrafo se pode ajudá-la. Observo a situação, agora sentada em uma madeira com almofadas que lembra um sofá. Enquanto a conversa dos dois se desenvolve, observo o ambiente. Há um quarto escuro onde provavelmente são guardados os negativos e a câmera. Há também várias fotografias espalhadas e alguns santos empoeirados em cima de uma prateleira. O lugar é pequeno, muito pequeno. As paredes são de madeira e a construção é precária. Tudo está cheio de poeira e tem um aspecto melancólico. De relance entra um homem que vem buscar dinheiro. As notas criam um contraste com o espaço. A mulher me fita, provavelmente se pergunta o que faço ali, mesmo sabendo o motivo. Penso nas fotos de seus filhos que, como ela relata, hoje já têm a minha idade. Minhas fotos ficam prontas ao som de um secador de cabelos. O homem do dinheiro vai embora. O fotógrafo diz que fiquei bem nas fotos. Reluto um pouco antes de vê-las. Ao olhá-las simplesmente não me reconheço. Vou para casa. Procuo um espelho. Acho a minha câmera digital. Começo a me filmar. Incessantemente. Quero capturar o fluxo do meu corpo, da minha voz, da minha experiência. Olho então o olho da câmera e vejo: **são meus olhos.**

Sucuri Auto Análise Desafiadora

Fazendo convites para acontecer, sucuri entra entre o mar e o ar, com a majestosa prática de admitir que é aquele ser, aquela espécie opulenta e abominável para quem não quem lhe conhecer. Mas não, para sucuri as limitações são apenas as de sua existência matéria, hum, que passou da maturação, e agora tende a se preparar para a morte.....Sucuri compreende que nasceu sem pés e que de qualquer forma tem que se mover, mesmo tendo diante de si um sim absoluto ordenando tudo que vê, ainda falta alguma coisa. Aliás, foi sempre assim, desde que soube como contar..... Sucuri às vezes se perde entre o sonho e o despertar, dada tantas formas de viver. Desperta sonha e vice-versa. Controversa. Conseguir ver por dentro dos frutos, sem nem precisar mais descascar... Nem por isso perdeu o apetite, o gosto da matança e a tristeza dessa gula. Ainda não sabe ignorar o meio que a balança, que por vê-la feliz a fere, pois uma serpente é danada, não merece a redenção.

Mas quando fica só sabe que está acompanhada e conversa com aqueles que habitam sua imaginação. Essa fantasia toda tem um nome, é o título do seu reino. Desvendável ou não, prefere não revelar, rasteja para não ser notada, mas sempre move o mundo.

Impossível não sê-la, dada sua magnificência. Melhor admiti-la, ela não quer ferir. Ela é temida pois mata mas evita toda dor. Quer mostrar a luz, para quem nem sabe onde tá! E acha

que tá seguro! Luz que promete a cegueira branca eterna, caminho sem volta, para a frente. É única pois sabe que habita em todos. É inevitável presença no ser. Ou larva ou kundalini, de domínio em si ou peste. Tudo escolha.

Sem poder narrar como chegou neste instante, sucuri teve a nítida percepção de que tinha matado tudo e que tudo continuou intacto, permanecendo imutável, e clamando pela prazerosa morte. E que poderia transitar para lá e pra cá, por toda extensão de seu corpo, que trocava de figura a cada escama. Mínimos mundos desenhos tatuados formavam o padrão que a recobria. Cada escama continha o espectro de cor. Essa única cor. Sucuri começou a se enrolar desenfreadamente. Em aceleração crescente. Queria se experimentar! E seu corpo afinando..... até a ponta mais baixa do rabo, pra sobrar nada.....ponto! explode ! sol bolha de fogo! Raios! trovões!Pronto! Estava na cabeça ! Na cabeça!

Novamente na cabeça.....Imersa na água, Sentiu-se inteira, Estendida, completa.....a navegar.....livremente..... em águas transparentes.....

Quando de súbito sobe a onda, a maior onda gigantesca da desilusão de todos os tempos! Sucuri sem mais opção se lança! Foi! Como um peixe voador, sucuri se emplumou, como prêmio de sua jornada. Era uma vez um anjo, pois podia ser o que queria!



LIMITATIONS OF PHRASE STRUCTURE DESCRIPTION

S. I We have discussed two models for the structure of language, a communication theoretic model based on a conception of language as a Markov process and corresponding, in a sense, to the minimal linguistic theory, and a phrase structure model based on immediate constituent analysis. We have seen that the first is surely adequate for the purposes of grammar, and that the second is more powerful than the first, and does not fail in the same way. Of course there are languages (in our general sense) that cannot be described in terms of phrase structure, but I do not know whether or not English is itself ill-described, outside the range of such analysis. However, I think that there are other grounds for rejecting the theory of phrase structure as inadequate for the purpose of linguistic description.

The strongest possible proof of the inadequacy of a linguistic theory is to show that it literally cannot apply to some natural language. A weaker, but perfectly sufficient demonstration of inadequacy would be to show that the theory can apply only clumsily; that is, to show that any grammar that can be constructed in terms of this theory will be extremely complex, *ad hoc*, and 'unrevealing', that certain very simple ways of describing grammatical sentences cannot be accommodated within the associated forms of grammar, and that certain fundamental formal properties of natural language cannot be utilized to simplify grammars. We can gather a good deal of evidence of this sort in favor of the thesis that the form of grammar described above, and the conception of linguistic theory that underlies it, are fundamentally inadequate.

The only way to test the adequacy of our present apparatus is to attempt to apply it directly to the description of English sentences.

LIMITATIONS OF PHRASE STRUCTURE DESCRIPTION

5.1 We have discussed two models for the structure of language, a communication theoretic model based on a conception of language as a Markov process and corresponding, in a sense, to the minimal linguistic theory, and a phrase structure model based on immediate constituent analysis. We have seen that the first is surely inadequate for the purposes of grammar, and that the second is more powerful than the first, and does not fail in the same way. Of course there are languages (in our general sense) that cannot be described in terms of phrase structure, but I do not know whether or not English is itself literally outside the range of such analysis. However, I think that there are other grounds for rejecting the theory of phrase structure as inadequate for the purpose of linguistic description.

The strongest possible proof of the inadequacy of a linguistic theory is to show that it literally cannot apply to some natural language. A weaker, but perfectly sufficient demonstration of inadequacy would be to show that the theory can apply only clumsily; that is, to show that any grammar that can be constructed in terms of this theory will be extremely complex, *ad hoc*, and 'unrevealing', that certain very simple ways of describing grammatical sentences cannot be accommodated within the associated forms of grammar, and that certain fundamental formal properties of natural language cannot be utilized to simplify grammars. We can gather a good deal of evidence of this sort in favor of the thesis that the form of grammar described above, and the conception of linguistic theory that underlies it, are fundamentally inadequate.

The only way to test the adequacy of our present apparatus is to attempt to apply it directly to the description of English sentences.

C. P. C.

SOMOS
POUCOS
PORÉM
LOUCOS



O trabalho com placas de sinalização é um desdobramento de uma pesquisa sobre imagem e significação, sendo uma das múltiplas especializações de desenhos que venho experimentando. Escolhi as placas de sinalização não somente pela semelhança dos meus desenhos com os pictogramas utilizados na comunicação visual, mas por serem elas um signo de ordem e controle sobre a circulação nas vias públicas; e também por estarem sofrendo uma expansão na sua dimensão simbólica dentro do contexto urbano, tornando-se um espaço usual para intervenções de grafiteiros, stickers e artistas de rua.

A inserção de imagens desprovidas de significado dentro de um sistema de normatização, como é o caso das placas de sinalização de trânsito, cria uma desinformação, uma ruptura na cadeia de comunicação, pois o significante desprovido de significado não serve para a comunicação objetiva. Assim, os desenhos aplicados nas placas convocam os transeuntes para uma relação inter-subjetiva e interpretativa através do estranhamento e, ao mesmo tempo, da semelhança com o objeto conhecido.

A intervenção sobre as placas tem ainda um caráter subversivo e crítico, pois atua como um ruído em um sistema controlado e porque quer causar alguma perplexidade, dando a oportunidade de se refletir sobre como obedecemos a ordens de maneira condicionada.



<foto>juliana_lima<

Ação urbana

sobre sistema de normatização de circulação

Crise

Alguém ainda precisa
ter caos em si mesmo
para dar à luz a uma
estrela dançante!
Nietzsche

Penso que foi Benjamin a nos recordar que toda geração humana dá por certo que é em sua própria época que tudo está mudando, tudo em crise e em transformação... Contudo, ele nos alerta que essa sensação é uma síndrome comum e observável em qualquer ponto da história. Um certo sentimento apocalíptico, pós-tudo no limiar do novo, permeia as mais diversas manifestações culturais da atualidade... Mas como separar o dadivoso da barbárie? [2]

Lançando um breve olhar em busca do fulcro dos ensaios e textos que tratam sobre arte, educação, política e tudo mais, percebe-se entre outras coisas, certa tônica temática em questões referentes (ou próximas) ao estado de *crisis*. Estado multiforme e multisignífico, a crise é uma manifestação que, por mais que costumemos adensar como atual, acompanha a dança das consciências humanas desde os criativos primórdios das comunidades xamânicas; ou seja, nossa sociedade global-pós-modernizada-espetacular não deve vangloriar-se desse paroxismo da mudança crítica.

Ao mesmo tempo, será talvez mais claro na história futura que esse nosso *zeitgeist*[3] sofreu de forma exemplar com uma aceleração que tem se intensificado, talvez algo diferente do que as transformações decorrentes da ampliação do

mundo com a circunavegação, o desenvolvimento dos direitos político-sociais no séc. 17-18, as crescentes conquistas da ciência e da técnica a partir do séc. 19 e a revolução da informatização dos meios iniciada nos vinte e do qual ainda estamos recebendo as primeiras ondas. O *homo collectivus* tem tido que administrar necessariamente essas mutações para o sucesso de sua espécie! Algo sinteticamente demonstrado na representação kanji chinesa para a palavra crise: dois ideogramas simbolizando, um o perigo, o outro a oportunidade.

É crise do sujeito, crise do objeto, dos valores, do coletivo e do Estado, do significado e do significante, do sujeito-fazedor e do feitor-espectador, do religare e do histórico. Pois, porque tanta crise? É isso uma fixação pós-moderna contemporânea (puah!), monomania, escapismo compensatório ou o sinal crisálida de um novo ponto de mutação?

Esoterismos à parte, ou como já pressentiam os encanecidos fios do bigode de Nietzsche, se Deus está morto, quem manda é a representação especular da sociedade das aparências! Por isso talvez tenhamos que nos valer de um saudável ceticismo para que possamos atravessar o problema e mirar eficientemente naquilo que seja fulcral do outro que é apenas paranóia coletiva...

[1] Título de objeto/instalação do autor, a se realizar na Exposição/Projeto Ardecidade, em 9 de agosto de 2007, na Galeria do DMAE, Porto Alegre.

Crisol [Do esp. *crisol*.] - Substantivo masculino. 1.Cadinho. 2.Fig. Aquilo em que se apuram os sentimentos. 3.Fig. Aquilo que serve para evidenciar as boas qualidades do indivíduo. 4.Tip. Recipiente das máquinas fundidoras e compositoras, onde se derrete o metal-tipo; caldeira. [Pl.: *crisóis*. Cf. *resol* e pl. *resóis*.] - Novo Dicionário Eletrônico Aurélio - versão 5.0

[2] "Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo." Walter Benjamin, Sobre o conceito da história.

[3] *Zeitgeist*: termo alemão, que se traduz como espírito do tempo. O *Zeitgeist* significa, em suma, o nível de avanço intelectual e cultural do mundo, em uma época. Os românticos introduziram a palavra *Zeitgeist* como uma tradução de *genius seculi* (Latim: *genius* - "espírito guardião" e *saeculi* - "do século". Fonte: Wikipedia.



Blablabla. Blá!

Hibridismo, miscigenações, “não há questões. Não existe esse negócio de sexismo, fascismo, especismo, visualismo, ou nenhum outra "franquia de questão" que possa ser separada do complexo social e tratada com um "discurso" como um "problema". Há apenas a totalidade que agrupa todas estas "questões" ilusórias na completa falsidade de seu discurso, tornando todas as opiniões, prós e contras, apenas mercadorias-pensamento para serem compradas e vendidas. E esta totalidade é ela própria uma ilusão, um pesadelo maligno do qual estamos tentando (através da arte, do humor, ou de qualquer outro meio) despertar.” (isso é parte do maravilhoso manifesto sobre arte do onto-anárquico Hakim Bey)^[4].

Ou então

...faça de conta que reinventou o chão batido onde esse patinete já cansou de percorrer, mas que todos nós, pela mesma mediocridade inconscientemente compartilhada, iremos por fim aplaudir. Mas que isso fique totalmente estampado na aparência exterior daquilo que você mostra a mass-mídia intelectual que lhe cerca. Faça um roteiro, use de forma criativa esses lugares comuns da era pós-industrial. Misture intervenção urbana com poéticas das passagens, com espaços miscigenados e identidades mnemônicas. Tempere isso com a fina flor do godóismo do momento e, com toda a certeza, estará apto a mais um degrau no catolicismo cartesiano acadêmico e, conseqüentemente, não alcançará o feito derrisório.^[5]

Dentro do olho do furacão reina a mais absoluta calma. O que convulsiona nesse cadinho das eras, criando novos mitos, impulsionando renováveis poéticas? Afinal, existe um olho nesse furacão?!

[4] Bey, Hakim. Vernissage. In: Immediatism - A Ontological Anarchy - IN: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=231&secao=artefato>

[5] Uriartt, Rodrigo. Como tornar-se um bacharel nas estratégias do contrário. Panfleto distribuído no saguão do Instituto de Artes e disponível no endereço eletrônico <http://ruriak.blogspot.com/> - dezembro 2006.

Tony Chakar cria a ficção sobre a morte de seu pai atribuindo-lhe o título de mártir. O artista libanês cria uma nova realidade tão trágica quanto a primeira, assassina o próprio pai, para que morra duas vezes, impossibilitando a sua ressurreição.

A partir de uma conversa informal com o artista que visitou Porto Alegre em junho de 2006, percebe-se do assunto que a transformação do pai em mártir, é uma idealização da morte que só faz sentido em um contexto onde torna-se viável esta espécie de abordagem da morte, aumentando o contingente de mártires de uma guerra, cujo destino parece sofrer de um processo crescente de ideologização.

Sabe-se que a arte deve ecoar problemas desta ordem como uma reflexão sobre os acontecimentos sociais e o cotidiano, e sobretudo uma reflexão que bebe do imaginário cultural de uma região em conflitos irrecorríveis, para desencadear uma elaboração intelectual e crítica em vista dos dados históricos da atualidade.

Em lugares onde a guerra dita as regras do convívio social, principalmente no Líbano um país que experienciou 15 anos de guerra civil, e que permanece em conflitos com os países vizinhos, o problema da perda é uma questão muito presente e quase inteiramente assimilada como condição habitual ou mesmo natural.

Chakar escolheu partir de uma agenda que era de seu pai, na qual estava apontado como item de uma lista de compras as seguintes palavras: Quatro cuecas de algodão para Tony. Muitos anos depois essa expressão incorre no título da obra "4 Cuecas de Algodão para Tony". Partindo de uma cena familiar para refletir sobre uma situação mais abrangente, esse trabalho apresenta-se como testemunha de um drama geral, onde a ficção da morte é dissimulada em função de um possível entendimento [absurdo] do complexo problema Oriente Médio.

A ficção como uma cena profícua manifesta-se na maleabilidade dos moldes da artísticos como cura dos problemas sociais. (no caso desta obra: uma publicação de um conto narrativo em forma de caderneta + um retrato pintado que o artista encomendou dos pintores oficiais do Hezbollah).

A complexidade deste trabalho está também no enlaçamento da proposta do artista. No contexto libanês, é de extrema importância notarmos a relação interna dos cidadãos, permeada pela categorização por etnias religiosas dos mesmos. O pai de Tony era cristão ortodoxo, o Hezbollah que dispensa definições não considera por hábito os mártires não muçulmanos ou ainda não chiitas. Solicitar o retrato do pai como mártir incorre em uma re-simbolização dos valores enfatizando as questões da categorização sócio-político-religiosa na cultura libanesa.

Levado pelas freqüentes crises, o povo libanês assimilou o lema: O passado está desacreditado, o futuro é totalmente incerto e o presente, incognoscível.

Esta paisagem não é apenas local, crises continuadas alimentam o fluxo do deslocamento em toda região do oriente médio, e em muito países do hemisfério sul.

Muitos artistas reivindicam o retorno como reflexão sobre a possibilidade de um re-estabelecimento e de uma recuperação de pelo menos parte daquilo que permanece irremediavelmente perdido. Ao acreditar nessa tentativa, a artista afegã Lida Abdul resolve suas ficções-visuais pelo viés da metáfora. "A única esperança que temos de curar as devastações internas das pessoas é pela metáfora" diz a artista.

Acredito que este recuso é utilizado menos como uma representação no sentido de significação por uma relação entre referência-referente, menos ainda pela verossimilhança com seu objeto, do que nas propriedades dos modos de apresentação.

A partir disso pretendo expor uma dúvida em relação à metáfora e à ficção como procedimentos artísticos:

Em vista deste artifício de ordem desviante, no sentido de deslocar a nossa intervenção no campo da representação (social) para o território da arte em termos específicos num campo crítico do fazer social onde se pensam e articulam-se os modos de representação, não são elas (a metáfora e a ficção) o contra-fluxo tempo-espacial ao qual ansiamos?

**Ficcionalização
como Operação Reflexiva**
all_khodr

meta, hodos



LEVE-ME ADIANTE

Jornal COMO

(solicite versão por e-mail : corpoliduido@gmail.com)



Impressão :

Gráfica Tigre

Rua Dom Guilherme Müller, 642

Fone: (51) 3747-1247

Arroio do Tigre - RS

Email: inforgraf@terra.com.br